

UMA CARTOGRAFIA DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM NO BRASIL E EM PORTUGAL

A CARTOGRAPHY OF SCIENCE DIVULGATION IN LANGUAGE SCIENCES IN BRAZIL AND PORTUGAL

Vera Lúcia Lopes Cristovão*
cristova@uel.br

Laura Márcia Luiza Ferreira **
laura.ferreira@unila.edu.br

Inês Cardoso ***
mines.cardoso@ese.ipsantarem.pt

Luísa Álvares Pereira ****
lpereira@ua.pt

Susana Ambrósio *****
sambrosio@ua.pt

Neste artigo, pretendemos mapear mídias de produções multimodais de Divulgação Científica (DC) nas Ciências da Linguagem, no Brasil e em Portugal, de 2018 a 2022. Procuramos ainda compreender as motivações e modos de ação de linguistas que se dedicam a esta atividade. Para tal, usamos a técnica *snowball* para o primeiro objetivo, e entrevista semiestruturada para o segundo. O mapeamento mostra que a DC está em crescimento no Brasil, particularmente nas mídias digitais multimodais, tais como podcasts, vídeos do YouTube e blogues, em sua maioria, programas não institucionais que podem promover mais liberdade na escolha temática, nomeadamente em produções multimodais com menção direta a fatos do cotidiano ou do contexto. Em Portugal, a atividade encontra-se em emergência, com predominância do modo escrito, como artigo de opinião em jornal nacional, e algumas iniciativas institucionais de carácter multimodal por parte de um centro de investigação. Segundo os nossos entrevistados, os modos de ação da DC desenvolvem saberes e competências relacionados à comunicação não só fora da academia, como também dentro (para pares e para alunos), o que seria mais uma razão pela qual mais linguistas deveriam empreender este tipo de ação de DC, considerada importante em prol da (in)formação cidadã.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Ciências da Linguagem. Cartografia. Brasil. Portugal.

* Departamento de Letras Estrangeiras Modernas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Brasil. Pesquisadora CNPq. ORCID: 0000-0001-7875-6930.

** Centro Interdisciplinar de Letras e Artes, Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, Paraná. ORCID: 0000-0001-7632-0834.

*** Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Santarém, Santarém, Portugal; CIDTFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. ORCID: 0000-0003-2687-2424.

**** Departamento de Educação e Psicologia, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. ORCID: 0000-0002-9742-2351.

***** CIDTFF, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal. ORCID: 0000-0002-8495-7381.

In this article, we aim to map channels of media of multimodal productions for Scientific Divulcation in Language Sciences in Brazil and Portugal, from 2018 to 2022. We further aim to understand the motivations and usual procedure of linguists who dedicate themselves to this activity. In order to do so, we used the snowball technique for the first objective and the semistructured interview for the second one. The mapping shows that the divulgation/popularization of science is growing in Brazil, particularly multimodal digital media such as podcasts, YouTube Videos and blogs, and mainly, non-institutional programs that can promote more freedom for thematic choices, namely multimodal productions with direct mention to every day facts or context. In Portugal, the activity is emerging, predominantly in the written mode, in the form of opinion pages in national newspapers, and in some institutional multimodal initiatives by a research center. According to our interviewees, the usual procedure in the dissemination of science develops knowledge and skills related to communication not only outside academia, but also inside (among peers and to students), which could be considered another reason for more linguists to be involved in such activities, deemed relevant for a full-fledged citizenship.

Keywords: Science Divulcation/Popularization. Language Sciences. Cartography. Brazil. Portugal.

•

A nosso ver, a divulgação científica precisa ser pensada à luz do papel da ciência na formação da cultura de cada cidadão.
(Grillo, 2013, p. 80)

1. Introdução

A divulgação científica (DC) como evento discursivo em prol dessa formação cidadã sobre a qual nos propõe Grillo (2013), em nossa epígrafe, tem tido um histórico variado que afeta também sua definição. Grillo *et al.* (2016), pesquisadoras brasileiras da área da Linguística, organizaram um volume sobre divulgação/popularização da ciência, trazendo diferentes perspectivas conceituais de DC: reformulação ou tradução do discurso científico; gênero discursivo; atividade de recontextualização; encenação midiática; e modalidade de relação dialógica. O volume em causa, composto por estudos ancorados nessas diferentes perspectivas, respeita a pluralidade conceitual e clama pela discussão e reflexividade para viabilizar o acesso do público não especializado à ciência e fomentar seu pensamento crítico. Tal incumbência impõe desafios nos modos languageiros de fazer DC.

Targino (2007), por exemplo, discute a caracterização do discurso da DC como uma interseção entre os discursos científico e jornalístico. A autora defende, assim, que a DC pode ocorrer no formato de diferentes gêneros, em diversas mídias, pondo em evidência a inter-relação ciência, poder e sociedade, advogando, ainda, que a DC “[...] é a afirmação social da C&T na contemporaneidade e o reconhecimento da sua relevância estratégica nas estruturas política, econômica, social e cultural vigentes das nações” (2007, p. 24), propósito que Motta-Roth (2011) também subscreve, designando-a, igualmente, por popularização da ciência (PC), seja ela feita pelo próprio cientista ou pelo jornalista científico. A importância da DC para a democratização da ciência e consolidação da

cidadania é também defendida por Ferreira (2019); nesta linha, considera-se que ciência só cumpre plenamente a sua função se divulgada.

Assim, num contexto que releva, por um lado, a necessidade de ampla disseminação da produção científica na comunidade académica e, por outro, a importância da DC como interveniente na literacia científica da sociedade, como meio de formação de cidadãos mais informados e críticos, assumimos o conceito de DC, conforme Grillo (2013), uma modalidade de relação dialógica entre a esfera científica e outras esferas. Dessa forma, temos como objetivos: i) inventariar mídias de produções textuais multimodais de DC nas Ciências da Linguagem (Linguística; Linguística Aplicada) no Brasil e em Portugal; e ii) compreender as motivações e modos de ação de linguistas que se dedicam a esta atividade.

Nosso estudo tem, por conseguinte, uma vertente comparativa, já que envolve dois contextos, o brasileiro e o português. Focamos a DC feita pelos profissionais da área da Linguística ou Linguística Aplicada, no intervalo temporal de 2018 a 2022, mas pretendemos, apenas, cartografar mídias de DC e não como Grillo e Glushkova (2016), que comparam textos de DC no Brasil e na Rússia, na mesma revista, possibilitando a comparação das culturas discursivas brasileira e russa.

Nosso texto está organizado em cinco seções, sendo a primeira esta breve introdução, seguida de uma exposição e discussão de conceitos, para, então, apresentar o desenho metodológico. Na quarta seção, expomos e discutimos a cartografia e asserções das entrevistas conduzidas para discutirmos a DC no recorte das Ciências da Linguagem. Nossa última seção é dedicada a reflexões inconclusivas que, esperamos, possam fomentar novos trabalhos.

2. Divulgação científica em Ciências da Linguagem

2.1. Contexto brasileiro

Um breve histórico da DC foi realizado por Grillo (2013), em sua tese de livre-docência na Universidade de São Paulo (USP). Nesse histórico, a pesquisadora sintetiza os séculos XVI a XVIII, situa o inventor do jornalismo científico, Henry Oldenburg, em 1662, e pontua que o surgimento da ciência ocidental na Europa é acompanhado pela premissa de que esta deva ser publicada para ser exposta, comprovada, debatida e, eventualmente, contestada. Sobre a DC no século XIX, a autora afirma que a divulgação tanto informava aos leigos quanto a outros cientistas de áreas diversas. Ainda no século XIX, cresce a comunicação científica com o desenvolvimento da mídia de massa. De acordo com Grillo (2013), o século XX traz a consolidação da ciência especializada e o desaparecimento de publicações científicas de caráter geral. O jornalismo científico se desenvolve entre as duas guerras mundiais e se consolida com a colaboração entre jornalistas científicos e cientistas. Ressalta, ainda, a relevância do saber legítimo da sociedade no fórum democrático entre a ciência e o público, adquirindo capacidade de reivindicação por determinadas decisões.

Ao expor a situação da DC no Brasil, Grillo (2013) afirma que, até a vinda da família real no início dos anos 1800, a condição do país era a de maioria analfabeta, com

a proibição de circulação de livros e de imprensa, o que impossibilitava atividades de leitura e escrita. Apesar de a ciência brasileira começar a se desenvolver no século XIX, ela efetivamente se expande pelo avanço tecnológico evidenciado na II Guerra Mundial, somente no século XX, e pela criação de faculdades em universidades como a USP. Seguiram-se as criações de instituições como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), como uma congregação de pesquisadores, e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), como um órgão federal dedicado a ações de ciência e tecnologia. Desde 1978, o CNPq concede o prêmio José Reis¹ de DC, e, desde 1995, reveza as modalidades de premiação de DC, jornalismo científico e institucional. O CNPq reconhece oito áreas do conhecimento, divididas em subáreas, sendo o jornalismo científico pertencente ao Jornalismo Especializado (6.09.02.04-3 – h Comunitário, Rural, Empresarial, Científico), na grande área das Ciências Sociais Aplicadas.² Grillo (2013) justifica a expansão do jornalismo científico também por fatos de repercussão internacional como, por exemplo, questões ambientais.

Já Sampaio (2017) retrata o crescimento de projetos de Divulgação Científica na área da Linguística, no Brasil, por meio da publicação de textos em meios diversos como blogues e *podcasts*, ações como visitas a laboratórios, livros, entre outros. O pesquisador cita também a UNICAMP como a grande fomentadora da DC, já com um programa de pós-graduação específico, eventos anuais e uma rede de *blogs* voltada para disseminar pesquisas e seus resultados. Além dessas ações, as iniciativas de alunos/as são ressaltadas como de muito alcance e sucesso, tendo em vista as relações feitas entre temas do cotidiano e ciência e a linguagem informal, como no caso de *bloggers*, *vloggers* e *podcasters*. Em 2018, Sampaio elenca conteúdos de divulgação da linguística no Brasil, tomando a definição de DC como textos de diferentes gêneros, em mídias e suportes diversos e em esferas diversas (como jornalística, cultural, entre outras). Em seu mapeamento, Sampaio (2018) considera tanto conteúdos de divulgação da linguística feita por não linguistas quanto as feitas por profissionais da área.³ No presente trabalho, diferimos do autor, pois nos propomos a mapear os conteúdos em que os próprios linguistas estão implicados no processo de comunicação, seja sendo responsável direto pelo canal ou participando de episódios específicos sobre a área em canais cujos responsáveis são cientistas de outras áreas ou jornalistas científicos.

Além do estudo de Sampaio (2018), contamos com a *live* “Popularização da Linguística: experiências na popularização da Linguística”, no evento Abralín

¹ José Reis (médico, pesquisador, educador e jornalista) é patrono da DC no Brasil. Foi um dos fundadores da SBPC e da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), além de produzir artigos em seções dedicadas à ciência.

² O CNPq lançou, em fevereiro de 2017, o Programa de Divulgação e Disseminação Científica (PDCC) com “o objetivo de promover a divulgação das ações de impacto do CNPq a partir da concessão de bolsas para profissionais de diversas áreas da comunicação para que desenvolvam projetos específicos em canais como TV, Rádio e Redes Sociais”. Acreditamos que esta ação também impulsionou a DC no Brasil.

³ Na área da Linguística, as iniciativas listadas por Sampaio (2018) e que reaparecem em nossa cartografia são: Blogs de Ciência Unicamp, Coluna Palavreado, Enchendo Linguística, Revista Roseta (ABRALIN), Scicast, Spin de Notícias. Sampaio também lista Olimpíada Brasileira de Linguística e Olimpíada Internacional de Linguística.

(Associação Brasileira de Linguística) ao Vivo, em 28 de maio de 2020, com os convidados Luísa Godoy, Thiago Sampaio e Cecília Farias de Souza, sob a mediação de Mahayana Godoy (editora chefe da Revista Roseta). Nesta sessão, Godoy (Abralin, 2020) apresenta quatro princípios que a guiam na produção de textos de DC. São eles: i) o público (não especialista ou especialista); ii) a delimitação do tema (e sua ‘tradução’ para o público); iii) o uso de linguagem do cotidiano (não técnica e nem jargões); e iv) o emprego de recurso para chamar a atenção. Na mesma *live*, Sampaio (Abralin, 2020) salienta o papel do vínculo institucional para o suporte digital e controle de qualidade bem como a importância do acompanhamento das dúvidas e comentários postados. Ainda na mesma ocasião, Farias de Souza (Abralin, 2020) se refere ao ataque às universidades públicas e à pesquisa como justificativas para a DC, pois o fato de a linguística ter interface com outras culturas disciplinares permite que seja usada para a reflexão sobre questões da vida e da língua como instrumento de resistência. A pesquisadora faz DC em mídias não institucionais, permitindo-lhe, segundo ela, maior liberdade e permeabilidade, possibilitando-lhe que compartilhe sua visão de mundo e suas escolhas por temas da atualidade.

Mais recentemente, em setembro de 2022, o periódico *Cadernos de Linguísticos*, também da Abralin, publicou um número de *Popularização da Linguística*, com três artigos, sendo um sobre a produção de vídeos para o YouTube (Villarinho & Forster, 2022), outro sobre a *Popularização da Linguística na Formação de Professores (no Acre)* (Alves *et al.*, 2022), e outro acerca da reflexão sobre o uso da língua feita pelo próprio falante (De Conto *et al.*, 2022).

2.2. Contexto português

Em Portugal, no livro *Comunicação de Ciência: Das Universidades ao Grande Público* (Correia & Soares, 2019), Correia (2019), para poder definir divulgação científica, faz, primeiramente, um histórico da comunicação de ciência desde as expressões gráficas de antes de Cristo, passando pelas primeiras escolas da Grécia antiga, as bibliotecas, as enciclopédias, livros, obras acadêmicas, universidades e, com a democratização do conhecimento, a expansão da disseminação para o grande público com conferências, espetáculos teatrais, sessões de demonstração de processos científicos, expedições científicas, museus, jardins botânicos, entre outros. Correia cita o Padre Teodoro de Almeida como o primeiro divulgador científico português. Institui-se, assim, segundo este autor, a DC. Assim, o pesquisador diferencia a disseminação da ciência entre pares da divulgação voltada à popularização ou comunicação pública da ciência. Para a divulgação, são usados diversos meios ou estratégias: festivais de ciências, Semana da Ciência e da Tecnologia, jogos, narrativas de histórias, ciclos de palestras (rodas de conversas), cafés (ou o famoso *Pint of Science*), *websites*, blogues, fóruns de discussão, histórias em quadrinhos, livros, jornais, revistas, filmes, documentários, eventos como ciência nas praias, exposições, concursos, oficinas, espetáculos, entre outros.

Ainda na mesma obra, Marçal e Fiolhais (2019) fazem um panorama da divulgação da ciência em Portugal, de 1900 a 2017. Nesse mapeamento, partem do contexto iletrado da população portuguesa no início do século XX, passando pelos diferentes períodos

políticos – da Primeira República à Ditadura e a entrada na União Europeia. Dali, listam diferentes ações como i) a criação da Associação Ciência Viva com programas nacionais de divulgação científica; ii) eventos como a Semana Nacional da Ciência e Tecnologia; iii) os Centros de Ciência e Museus; iv) Livros; v) Publicações periódicas; vi) Televisão e vii) Rádio. Os autores avaliam que há muito a crescer em termos de índices de cultura científica. Os exemplos dados pelos autores para esses meios não incluem divulgação da Linguística.

Não havendo, no nosso conhecimento, estudos sobre a DC nas ciências da linguagem em Portugal, importa reforçar que os estudos sobre DC na área das Ciências Sociais e Humanidades são ainda escassos (Cassidy, 2021). Adicionalmente, ainda que, em Portugal, os investigadores da área desenvolvam algumas iniciativas de DC, as evidências indicam que as respetivas instituições não as promovem de maneira mais sistemática (Entradas & Bauer, 2016), levando a que se considere que “uma coisa parece clara: a investigação em ciências sociais e humanidades parece estar em todo o lado e em lado nenhum na comunicação pública” [nossa tradução] (Cassidy, 2021, p. 206).⁴

A política de Acesso Aberto/Ciência Aberta tem sido revista, integrada na Estratégia Nacional para a Ciência Aberta, promovida pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, e incluindo a assinatura, em 2018, de um Memorando de Entendimento com o Brasil referente à cooperação nesta matéria.⁵ Não podemos deixar de associar estes factos a um encorajamento crescente aos investigadores para a partilha dos resultados dos seus projetos, o que, na DC – e nisso esta se distingue – acontece para além da comunidade científica.

O exemplo do curso de Mestrado “Cultura Científica e Divulgação das Ciências” (Universidade de Lisboa)⁶ é elucidativo nesta matéria e parece pretender operacionalizar uma ponte desejável entre a comunicação de ciência aos pares e a divulgação científica para a comunidade em geral. Percebemos, assim, quer uma maior consciencialização da importância de DC quer de investigação sobre as relações entre a ciência e a esfera pública. Contudo, predomina o campo das Ciências Naturais e não tanto o das Ciências Sociais e Humanas, apesar de, nos últimos anos, esta consciencialização parecer expandir-se para outras áreas científicas.

3. Desenho metodológico

O presente estudo pretende inventariar mídias de produções textuais multimodais e compreender as motivações e modos de ação de linguistas que se dedicam a esta atividade, no Brasil e em Portugal. Para tal, catalogamos mídias de textos de referência nestes países, na área da Linguística e Linguística Aplicada, bem como realizamos entrevistas com linguistas que fazem DC.

⁴ “one thing seems clear: social sciences and humanities research seems to be everywhere and nowhere in public communication.” (Cassidy, 2021, p. 206).

⁵ Cf. <https://www.fct.pt/acessoaberto/index.phtml.pt>.

⁶ <http://www.ie.ulisboa.pt/ensino/mestrados/cultura-cientifica-divulgacao-ciencias>.

3.1. Recolha de dados para a cartografia

- Contexto brasileiro

Durante o período de março a abril de 2022, foram coletados produtos de mídia brasileiros elaborados por linguistas formados, ou em formação, cujos objetivos eram divulgar teorias e questões relacionadas à linguística e à área das ciências da linguagem e suas diversas interfaces com outras ciências para o público geral. A pesquisa de carácter exploratório teve seu conjunto de dados formado a partir da técnica de *snow ball* ou bola de neve. A técnica de coleta de dados por amostragem do tipo bola de neve é comum em estudos qualitativos. Ela pode variar, mas usamos a que o primeiro objeto identificado aponta para outro e qualquer novo dado pode indicar novos dados. Não é linear e consecutiva (1 indica o 2, 2 indica o 3, e assim por diante), mas “exponencial” (Heckarthorn, 2011).

Iniciamos a pesquisa navegando em *sites* e/ou portais de divulgação da linguística ou de ciências em geral, que indicavam outros *sites* com a mesma temática, ou seja, tivemos o objetivo de cobrir a cadeia de referência de um conteúdo específico que circula/circulou na rede durante o período da pesquisa. A busca terminou quando os *sites* indicavam os conteúdos que já tínhamos acessado, ou seja, quando atingimos um ponto de saturação da cadeia de referência estudada. No entanto, nem todos os conteúdos acessados entraram na análise.

Buscamos canais de divulgação que tinham objetivo de divulgar ciência em geral ou somente a área das ciências da linguagem. Não fazem parte do nosso escopo conteúdos pedagógicos para fins didáticos. Quanto ao meio, não fizeram parte da pesquisa páginas de redes sociais, festivais e competições acadêmicas da área. Com base nestes critérios, encontramos conteúdos de *podcast*, *blogs* e canais de YouTube.

- Contexto português

No caso português, começámos por fazer um levantamento de textos e de canais de DC dos quais tínhamos conhecimento mais ou menos aprofundado, seguindo igualmente a técnica de *bola de neve*. Ainda que nos norteássemos pelo mesmo, percebíamos que os canais de divulgação desembocavam em sítios web de centros de investigação de áreas conexas às eleitas neste trabalho bem como de organismos educativos e de meios de comunicação social que sabíamos levarem a cabo algumas iniciativas de DC, como adiante daremos conta.

3.2. Inquérito por entrevista semiestruturada

A fim de complementarmos nossa compreensão sobre o processo que abrange a divulgação científica em nossa área, propusemo-nos a entrevistar linguistas que já estão envolvidos com essa atividade. O roteiro para entrevista semiestruturada com autores de textos de DC foi aprovado pela Plataforma Brasil (CAAE 44382721.6.1001.5231, Número do Parecer: 5.306.520). O roteiro é composto por dez questões, das quais seis

são consideradas para o presente estudo, estando organizadas em três dimensões: Propósito (questões 1 e 8), Tipologia (questões 2 e 3) e Temática (questões 4 e 5).⁷

As entrevistas foram realizadas com dois linguistas brasileiros e dois portugueses. No Brasil, a primeira autora (coordenadora geral do projeto) conduziu ambas as entrevistas, nos dias 26-03-2022 (1 hora e 30 minutos de duração) e 04-04-2022 (44 minutos e 23 segundos), pelo Google Meet. Em Portugal, as entrevistas foram conduzidas pela equipa portuguesa, no Colibri Zoom; a primeira, a 28-04-2022 (1 hora, 7 minutos e 39 segundos); a segunda, a 13-06-2022 (1 hora, 24 minutos e 56 segundos).

4. Análise e discussão dos resultados

A análise e discussão dos resultados terá em consideração os objetivos expostos anteriormente. Primeiramente, apresentamos os dados relativos ao contexto brasileiro e, de seguida, português. A discussão dos resultados far-se-á faseadamente, atendendo a cada contexto nacional, para, depois, desencadear a comparação possível.

4.1. As iniciativas inventariadas

4.1.1. Cartografia em contexto brasileiro

A Tabela 1 expõe canais que usam *Podcast* para divulgação científica em linguística, seu estatuto institucional ou não, sua descrição e data de início, acompanhada de um exemplo para ilustrar o tipo de tema, sua data de publicação e sua duração.

Tabela 1. Identificação de canais de *podcast*

Identificação	Estatuto	Descrição	Período	
Portal Deviante	Não institucional	Um portal de <i>podcasts</i> para falar sobre ciência de uma forma divertida (9 canais, sendo o SciCast subdividido em 6) e cultura/entretenimento (7 canais) de uma forma divertida https://tinyurl.com/deviante	2016	
Canal do Deviante		Exemplo de episódio	Data	Tempo
Spin de Notícias		Língua ou Linguagem: o que a linguística estuda e qual é a diferença? https://tinyurl.com/spinnoticias	12/11/20	26:33
Ciência Sem Fio		O caso convidativo do pronome https://tinyurl.com/cienciafio	15/08/21	41:23
SciKids		Por que os balões que o Cebolinha pensa estão com R, não com L? https://tinyurl.com/scikidss	28/09/19	16:28

⁷ Cf. Anexo 1 – Roteiro de entrevista semiestruturada.

Contrafactual		E se a língua mais falada do mundo fosse o árabe? https://tinyurl.com/contrafac	25/05/20	40:34
Spotify	Não institucional	Portal de <i>podcasts</i> com 14 categorias. Serviço de <i>streaming</i> de música, <i>podcast</i> e vídeos. Com mais de 4 milhões de assinantes. https://open.spotify.com/	07/10/2008	
Programas do Portal Spotify		Exemplo de episódio	Data	Tempo
Língua Ciência	Não institucional	Aprender a ler modifica seu cérebro https://tinyurl.com/linguaci	30/01	9:45
Ser linguagem	Não institucional	Pós-graduação em Linguística: pesquisa, escrita e ética https://tinyurl.com/serlingua	Julho/19	1h:29
Língua Livre	Não institucional	Do Esperanto ao Dothraki: línguas planejadas https://tinyurl.com/llesper	Mai/20	2h:01
Linguística Vulgar	Institucional	O que é linguística? https://tinyurl.com/lingvulgar	Set/19	50:05
Babel Podcast	Não institucional	Guarani Paraguai https://tinyurl.com/babelpod	Jul/21	1h31
Podcast ABRALIN - Associação Brasileira de Linguística	Institucional	Podcast da ABRALIN, plataforma online de publicação de áudio Exemplo de episódio: Entrevista com Mônica Savedra https://tinyurl.com/abralinpod	Desde 2007 Maio/21	13:16
Língua Livre Podcast	Não institucional	Temas relacionados às áreas da Linguística e da Literatura, em relação com a atualidade e em formato de bate-papo Exemplo de episódio: Libras https://tinyurl.com/lingualivrepod	Desde 2019 07/10/2019	

A Tabela 2 expõe blogues para divulgação científica em linguística, seu estatuto, descrição, um exemplo e sua data de veiculação.

Tabela 2. Identificação de blogues

Identificação e Criação	Estatuto	Descrição	Exemplo de episódio	Data do exemplo
Blogs de Ciência Unicamp #Linguística	Institucional	O <i>blog</i> #Linguística faz parte de uma rede de <i>blogs</i> de divulgação científica da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).	A televisão no Brasil: 70 anos e muitos discursos depois... https://tinyurl.com/unicampblog	18/11/20
Divulgando Linguística	Institucional	<i>Blog</i> do Departamento de Linguística e Filologia (UFRJ) com a aba Divulgando Linguística com trabalhos, dedicados à divulgação científica da Linguística, de autoria de professores e de seus orientandos. Desde 2017	O sistema de pronomes neutros e o preconceito linguístico https://tinyurl.com/divuling	30/11/20
Coluna Palavreado no Blog Ciência	Não Institucional	O Instituto Hoje (ICH) é uma organização privada, sem fins lucrativos, voltada à divulgação científica no Brasil.	Não é um espelho https://tinyurl.com/palavreando	29/12/16
Membrana Linguística	Não Institucional	Desde 2019 Membrana Linguística existe na intersecção em que, ao agirmos e criarmos sentidos, os eventos acontecem.	Faço linguística pra fora https://tinyurl.com/membling	30/09/19
Revista Roseta	Institucional	Revista <i>Roseta</i> da Associação Brasileira de Linguística	Ex.: A fórmula mágica para o texto perfeito https://tinyurl.com/revroseta	V.3, n.º 2, 2020

		(ABRALIN) Desde 2018, colabora com a popularização da Linguística no Brasil.		
O linguístico	Não Institucional	<i>Blog</i> privado (de 4 personagens) com temas sobre língua, linguagem, educação e ciência. Desde 2020.	Ex.: A regra é clara... às vezes https://tinyurl.com/linguistico	08/06/20
Linguística de boteco	Não Institucional	Desde junho/2019. <i>Blog</i> com reflexões sobre questões cotidianas envolvendo a língua.	Ex.: (Des) siga o modelo https://tinyurl.com/lingbote	23/04/21

A Tabela 3 apresenta os canais do YouTube, sua data de criação, estatuto, descrição, um exemplo e a data de veiculação do episódio ilustrativo e sua duração.

Tabela 3. Identificação de canais de YouTube

Canal e data de criação	Estatuto	Descrição	Exemplo	Data e extensão
Enchendo Linguística	Não Institucional	“[...] curiosidades sobre as línguas humanas e [...] fasci- nante universo das teorias linguísticas.” Desde 2017.	#3 Você sabe o que é uma palavra? https://tinyurl.com/enchling	18/04/2017 10:35
Linguística do Cotidiano	Institucional	[...] é produzido pelo curso de Letras da UFVJM e visa divulgar os estudos da linguagem com exemplos do dia	Escrita terapêutica – Os diários https://tinyurl.com/lingcoti	16/10/20 4:09

		a dia. Desde abril de 2019.		
Com a palavra, linguística	Não institucional	“uma ponte entre o falar científico e o popular com nossa própria abordagem sobre a diversidade da língua em uso.” Desde março 2020.	Dentre autóctones e aloglotas, o português brasileiro https://tinyurl.com/comapalav	Maior/2021 1:00
LeveLetras	Não institucional	“ajudar a entender linguística de forma simples e leve.” Desde 2019.	Bakhtin – Estudo do Discurso https://tinyurl.com/leveletra	11/05/2021 13:50
Canal da ACESIN	Institucional	Canal de divulgação científica de pesquisas sobre linguística e neurociência da linguagem do Laboratório ACESIN, coordenado pela Profa. Aniela França, da UFRJ. Desde 2007.	Os cegos, os nomes das cores e os verbos de iluminação https://tinyurl.com/canalacesin	06/12/2020 5:22
Linguagem na Lata	Institucional	Canal do Departamento de Letras da UFRN, voltado para a disseminação de temas de Língua/Linguagem para um público mais amplo, combatendo a desinformação e contribuindo para o pensamento crítico. Desde 2019.	Literacia e bilinguagem no pós-Pandemia https://tinyurl.com/linglata	01/04/2022 56:05

Handouts de Linguística	Não institucional	“Canal dedicado a discussão e apresentação de artigos e livros da Linguística.” Desde 2020.	Sociolinguística e Racionais MC's https://tinyurl.com/handlingui	02/08/2020 21:23
Bruna Martioli	Não institucional	Canal sobre literatura, educação e linguística.	Breve Histórico da Linguística https://tinyurl.com/brunamart	26/05/2020 11:41

No total, inventariamos vinte e seis iniciativas distribuídas nos suportes *podcast*, *blog* e vídeos do YouTube. Os dados sugerem uma distribuição balanceada quanto aos canais de divulgação, ou seja, é possível encontrar mais ou menos a mesma quantidade de canais de *podcasts*, vídeos de YouTube e de postagens de *blogs*, com uma preferência pelo *podcast*. Catalogamos iniciativas de divulgação da linguística na internet que estavam ativas durante os anos em que a pesquisa foi feita; pode ser, no entanto, que alguns canais sejam desativados no futuro.

Em relação ao estatuto, dezenove (19) iniciativas são “não institucionais” e sete (7), institucionais. Para nossa interpretação/discussão, retomamos o conceito de Grillo (2013) para DC. A relação dialógica sugerida por ela ressalta a importância da evidencição de particularidades do contexto social, seja de produção, circulação ou consumo desses textos de DC. Essa vinculação com o contexto impacta também nos objetos científicos, dando-lhes diferentes faces mediante a conjuntura e os acontecimentos ocorrendo ou ocorridos no cenário. Nos casos inventariados, o contexto digital é usado e suas propriedades impactam na caracterização dos textos multimodais veiculados. A multimodalidade é, no entanto, constitutiva de todas as mídias, seja por traços gráficos como negrito, tamanho da fonte e cores, seja por outros modos, como sons, movimentos e imagens.

4.1.2. Cartografia em contexto português

Enquanto, na realidade do contexto brasileiro, podemos facilmente cartografar três tipos de iniciativas de DC em Ciências da Linguagem (*podcasts*, *blogs* e canais de YouTube), com vínculo institucional ou não institucional, no contexto português, mantendo igualmente o foco no vínculo da DC, listamos as tipologias das iniciativas de DC, segundo o critério da autoria, isto é, de quem toma a iniciativa pela DC, concretizando seguidamente as entidades responsáveis pelos exemplares de DC recolhidos e, na terceira coluna, alguns exemplos ilustrativos.

- Vínculo institucional

As iniciativas de DC em Ciências da linguagem cartografadas no contexto português remetem para a multimodalidade e variedade dos suportes: coluna de jornal, blogue, *podcast*, vídeos, normalmente acompanhados de textos como resumos, etc. Veja-se,

porém, a responsabilidade institucional que lhes preside e a ocorrência de um só centro de investigação (cf. Tabela 4).

Tabela 4. Identificação de iniciativas institucionais de DC

Tipologia	Entidades	Suporte	Exemplos
Iniciativas de centros de investigação para o grande público	CIDTFF – Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores	Coluna de jornal	“(H)À Educação” ⁸ (rubrica quinzenal no Diário de Aveiro), como a publicação https://tinyurl.com/haeducacao . Esta rubrica é publicada em vários canais: Diário de Aveiro (jornal), UA online, blogue do CIDTFF; por exemplo, veja-se “Reflexão sobre o Português Língua de Herança” – https://tinyurl.com/portreflex . Podcast “Educação à Escuta Programa” (Rádio Terra Nova – https://tinyurl.com/educaescut) ⁹ e outras iniciativas de comunicação de ciência em https://tinyurl.com/comunicacien . Ex.: https://tinyurl.com/inescardoso
Iniciativas dos centros de investigação, disponíveis para o grande público, mas não elaboradas com este público-alvo	CIDTFF	Vídeo Vídeos, resumos, entre outros	ProTextos: Ensino e Aprendizagem da Escrita de Textos - <i>A community of professional development</i> ¹⁰ : https://tinyurl.com/protextos PI (Projeto de Investigação) num minuto ¹¹ – https://tinyurl.com/projinvest : <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ciência no Moliceiro ✓ Ciência Pró Bar ✓ Ciência no Sal ✓ Ciência em Cena Exemplo: “O desenvolvimento da escrita argumentativa em sequências de ensino do texto de opinião no 3.º ciclo do ensino básico” – Investigadora: Lúcia Gomes Lemos – https://tinyurl.com/luciagomes
Iniciativas de outros organismos	Direção-Geral da	Crónica	Pereira, L., Graça, L., & Cardoso, I. (2021). A herança da língua como

⁸ Ver e-book *(H)À Educação: rubricas de 2019* – <https://ria.ua.pt/handle/10773/27421>.

⁹ Ver e-book *Educação à Escuta: vozes do CIDTFF na Rádio Terra Nova* – <https://ria.ua.pt/handle/10773/32603>.

¹⁰ Ver e-book *Investigação em educação e responsabilidade social: que lugares e possibilidades no CIDTFF?* – <https://ria.ua.pt/handle/10773/30307>.

¹¹ Iniciativas de doutorandos em Educação na unidade curricular de Seminário de Investigação I.

com responsabilidades educativas	Administração Escolar	contributo especial para a riqueza do português. revista L/ATITUDE. Escolas Portuguesas no Estrangeiro. Edição número 26 e 27, maio de 2021 [https://tinyurl.com/revlatitude].
	Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica	https://www.cienciaviva.pt/ com várias dimensões de disseminação, como https://tinyurl.com/ciencmulhe
	Ciberdúvidas da Língua Portuguesa (ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, mas, desde a fundação, com outras parcerias e apoios)	https://tinyurl.com/ciberduvidas

- Vínculo não institucional

No que diz respeito às iniciativas de DC sem vínculo institucional em Portugal, constata-se, porém, a sua responsabilidade coletiva, tendo-nos interessado aquelas em que intervêm linguistas.

Tabela 5. Identificação de iniciativas não institucionais de DC

Tipologia	Entidades	Suporte	Exemplos
Iniciativas de meios de comunicação social (televisão, rádio, publicações periódicas para o grande público)	<i>Go Live TV</i>	Programas televisivos, também divulgados nas redes sociais ou nos websites dos canais	“Today in Toronto: Ensino de Português no Canadá”: https://tinyurl.com/portcanada
	<i>Focus Portuguese</i>		Teaching and Learning Portuguese in Canada: Multidisciplinary Contributions to SLA Research and Practice – interview with Inês Cardoso and Vander Tavares: https://tinyurl.com/portcanada2
	RTP2, “Sociedade Civil”		Entrevista a propósito do Dia da Língua Portuguesa – Sociedade Civil, RTP2 (maio de 2021): https://tinyurl.com/rtplay2
	Camões TV, “Português ao Raio X”		“Português ao Raio X”: https://tinyurl.com/portraiox
	RTP1, “Língua de todos”		https://tinyurl.com/lingtodos Exemplo de um artigo de opinião regular assinado por uma

	Diário de Notícias		linguista/professora: https://tinyurl.com/quemlingu
	Antena 2, “Páginas de Português”, da Universidade Autónoma de Lisboa	Podcast – rádio	– Conversa com Cristina Martins, Professora Associada do Centro de Estudos de Linguística Geral e Aplicada, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sobre o ensino do português como língua não materna: https://tinyurl.com/cristinamart
Projetos variados	Equipas multidisciplinares e interinstitucionais Fundação Calouste Gulbenkian Ciência Viva Camões, Instituto da Cooperação e da Língua	Websites – textos multimodais	https://www.cientistaregressaescola.pt/ – por exemplo, Matilde Gonçalves, linguista Projeto Escolas/Native Scientist: https://tinyurl.com/nativescient – novamente, Matilde Gonçalves, linguista, na equipa principal ¹² Projeto “Cartas com Ciência” – https://www.cartascomciencia.org/ (de cerca de 700 cientistas, 20 são da área da Linguística e/ou Ciências da Comunicação e, destes, 8 já escreveram, pelo menos, uma carta).
Iniciativas individuais de investigadores		Blogue	https://certaspalavras.pt/marconeves/

Este levantamento inicial logra coligir as iniciativas que, no nosso contexto, e de acordo com o nosso conhecimento, têm sobressaído na divulgação institucional que nos chega. Destacamos, precisamente, o caráter institucional de algumas DC em contraste com a única que nos ocorreu da responsabilidade do seu autor (blogue individual).

Como este primeiro levantamento não nos indicava a existência equilibrada de iniciativas de várias modalidades – blogue, *podcast* e vídeo/canais de YouTube –, vimos a necessidade de empreender uma busca norteada por um critério ajustado. No caso, pareceu-nos que deveríamos visitar as páginas web dos Centros de Investigação portugueses de – ou que incluíssem as – áreas da Língua, Linguagem, Linguística, Linguística Aplicada – unidades de Investigação e Desenvolvimento (I&D) financiadas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Evidentemente que os *websites* dos centros de investigação podem ser considerados uma ação de comunicação de ciência aberta, alguns assumindo-o diretamente, em linha com a política de acesso aberto supramencionada – “A Ciência Aberta representa uma nova abordagem ao processo de investigação, privilegiando o trabalho colaborativo, a partilha da investigação e o acesso livre ao conhecimento através da utilização das

¹² Ver, por exemplo, publicação para escolas: <https://www.nativescientist.com/native-books>.

tecnologias digitais e a responsabilidade social.”¹³ (LE@D). Alguns organizam-nos, contudo, sem uma preocupação de DC para outros públicos que não outros investigadores, jovens investigadores e estudantes do ensino superior. São recorrentes a apresentação verbal dos centros, seus membros, áreas de investigação, projetos, publicações.

No conjunto destas unidades de I&D portuguesas das áreas em que se circunscreve este estudo, identificámos apenas duas com uma preocupação de comunicação com um público não académico – a DC, segundo a entendemos neste estudo.

O predomínio de texto escrito, a pontual remissão para outras redes sociais e o predomínio da comunicação de conteúdo relevante para a comunidade académica não obsta à acessibilidade deste conteúdo para qualquer outro público. No entanto, foram exíguos, como vimos, os exemplos de textos (escritos e/ou multimodais) produzidos propositadamente para DC. Encontrámos, porém, o Centro de Recursos para Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Educação da Universidade do Minho, que se apresenta como um espaço de desenvolvimento de parcerias para além da universidade, para uma maior compreensão do mundo, alavancando a transformação social no conhecimento, na participação democrática e na compreensão intercultural, segundo reitera.

4.2 Motivações e modos de ação de fazer divulgação científica em Ciências da Linguagem

Nesta seção, trazemos aspectos selecionados das entrevistas semiestruturadas, tal como enunciámos, realizadas no contexto brasileiro e no contexto português.

4.2.1. Contexto brasileiro

Apresentamos uma discussão a partir da entrevista a dois linguistas e divulgadores da área. A escolha se justifica por serem ambos professores pesquisadores vinculados à universidade, que fazem parte da equipe de um ou mais projetos de divulgação científica tanto de carácter institucional como não institucional.

Ao longo da entrevista, pudemos identificar que ambos tinham em comum o fato de serem consumidores de conteúdos de divulgação científica de várias áreas. Além disso, os dois relataram que começaram a fazer divulgação científica da área ao explicar o que é linguística para amigos, parentes e para quem mais se interessasse.

a) Uma iniciativa não institucional: o *Babel podcast*

Nossa entrevistada relata que o podcast Babel está no ar desde 2019, oferecendo em média 1 episódio por mês. Segundo ela, o Babel é feito para pessoas que gostam de aprender “coisas” e mencionou uma pesquisa que fizeram para saber o perfil dos ouvintes do Babel em que metade fazia letras/linguística e outra metade estava vinculada a outras áreas. Os episódios têm uma duração de uma hora e cada um se dedica a uma língua. Durante o episódio, variados aspectos da língua são tratados. Sendo nossa entrevistada uma das criadoras do programa, ela explica que o Babel é como um cavalo de Tróia, por exemplo,

¹³ <https://lead.uab.pt/lead/estrutura/ciencia-aberta/>.

alguém quer escutar um episódio sobre uma língua porque gosta de uma banda cujas músicas estão nesta língua e, no final, acaba aprendendo não só sobre a língua, mas sobre linguística também.

Segundo nossa entrevistada, no começo do projeto as criadoras financiavam os custos de produção dos episódios. Atualmente o Babel atingiu uma audiência que permite arrecadar dinheiro para arcar com os custos técnicos de produção dos episódios. Vale destacar que, embora esteja vinculada a uma instituição pública de ensino superior, os projetos de divulgação dos quais faz parte não são institucionais. Ela justifica sua escolha elencando os seguintes argumentos:

O projeto não é institucionalizado e não temos essa pretensão porque isso também dá uma liberdade, de ter uma liberdade editorial assim, né? Que a gente gosta.
Nunca fizemos um projeto de DC porque parece que existe um modelo pré-formatado e fomos seguindo o que a gente gostaria de ouvir.

Nos trechos transcritos, a linguista aponta as vantagens de se comunicar de forma não institucionalizada nas redes sobre seu trabalho e sua área de pesquisa. A liberdade editorial para poder falar o que quiser, sem ter seus produtos de mídia vinculados à instituição para a qual trabalha, parece ser um fator importante para a forma que encontrou de fazer o Babel. Outro aspecto é quanto ao formato, ter a possibilidade sempre aberta de explorar maneiras de se comunicar é também uma vantagem de não institucionalizar. A linguista levanta a hipótese de já haver “projetos de divulgação pré-formatada” que seriam aqueles projetos de divulgação institucionais que as secretarias de comunicação das instituições levam a cabo.

Como a intenção da divulgação científica é chegar às pessoas que são alheias ao campo da linguística ou que estão fora da universidade, a linguista explica que a não institucionalização do Babel é motivo de seus produtos de comunicação chegarem a um público que não acessaria os episódios se visse um logo institucional. Além disso, essa permeabilidade se dá também porque o Babel se engaja com outros *podcasts* de temas afins, conforme explica a professora. O fato de estar em rede, interagindo e consumindo outros *podcasts* de ciência e curiosidades, permite à professora fazer participações em outros *podcasts* e, conseqüentemente, aumentar o público do Babel e de suas outras mídias. A professora participou, por exemplo, do “Ciência sem fio”, programa hospedado pelo Portal Deviante. Fazer parte de uma rede de comunicação junto a outros *podcasts* cujo público se assemelha parece ser mais eficiente do que ter o Babel vinculado a uma instituição e, conseqüentemente, a uma rede de comunicação institucional.

O fato de a divulgação ser feita de forma independente não significa que o Babel e a carreira acadêmica da divulgadora estejam separados. A linguista explica que já foi convidada para falar em escolas e participar de diversos eventos institucionais por causa do *podcast*. Além disso, a professora reconhece impactos positivos na forma como se comunica em contextos institucionais como resultado da prática de divulgação científica. Outra questão que nossa entrevistada levantou na entrevista é a necessidade de valorização do trabalho de divulgação científica pelas instituições de ensino superior para que a dispendiosa criação de conteúdo conste dentre as possibilidades para justificar sua carga horária de trabalho.

b) Uma iniciativa institucional: o Blog de Linguística da UNICAMP

Diferentemente do Babel, o *blog* de Linguística da UNICAMP é um projeto institucional que começou em 2015. O condomínio de *blogs* da UNICAMP é a primeira e a maior plataforma de divulgação científica em formato de *blog* de uma instituição de ensino e pesquisa brasileira. Em 2020, os *blogs* de linguística da UNICAMP incorporaram a rede ScienceBlogs, projeto pioneiro de *blogs* de divulgação em formato *blog*, criado em 2008 por Átila Iamarino e Carlos Horta.

O blogue de Linguística é um dos 151 *blogs* que compõem a rede. Foi o primeiro colocado no prêmio da ABRALIN de Divulgação e Popularização da Ciência Linguística em 2021. A primeira postagem do blogue foi em dezembro de 2015 e, desde então, vem sendo alimentado frequentemente com conteúdos que abrangem diversos aspectos das ciências da linguagem. Tanto estudantes de graduação e pós-graduação quanto professores da área de Linguística contribuem, assinando textos cujos assuntos variam desde comentários sobre o filme “A chegada” ou tentando entender a polêmica “biscoito ou bolacha??”, sob o ponto de vista dos estudos da linguagem. Um dos professores responsáveis pelos conteúdos postados sobre a linguística foi nosso entrevistado. O linguista nos explica que há uma equipe de jornalistas trabalhando via redes sociais e outras mídias para impulsionar as postagens e aumentar o alcance das discussões. Além disso, os profissionais de comunicação da própria universidade fazem sugestões de pauta e a gestão dos potenciais conflitos de comunicação que podem ocorrer.

Assim como a professora, o professor, vinculado a uma instituição de ensino superior, tem oferecido contribuições à divulgação científica da sua área. O professor colabora com o Portal Deviante e assina o roteiro, produz e grava uma série de episódios relacionados à linguística. Em entrevista, ele explica que recebeu o convite de participar do portal durante um evento do *Pint of Science*, em que dividiu a mesa de debate sobre o filme “A chegada” com cientistas da área da Física. O portal já era conhecido e tem em média 120 mil *downloads* por episódio. Segundo o linguista, “Eu só cheguei e ocupei um espaço e que é bom.”, assinando 1 episódio a cada 45 dias no Portal Deviante. O entrevistado diferencia o trabalho de divulgação que faz junto ao *blog* e junto a iniciativas não institucionais, como o Portal Deviante. No contexto do trabalho junto ao *blog* da UNICAMP, ele pondera que:

A gente tem muito mais responsabilidade sobre as coisas que a gente tá falando e a forma como a gente tá tentando mostrar isso.

O comentário acima remete à decisão da primeira professora entrevistada em continuar colaborando com iniciativas de DC que não sejam institucionais. Independentemente de a iniciativa ser institucional ou não, o linguista também percebe como suas experiências como divulgador da linguística influenciam positivamente a sua carreira acadêmica. Ele afirma que fazer divulgação tem um efeito nas turmas, especialmente introdutória da graduação como os estudantes de Fonologia, por exemplo. Ele esclarece:

Parece que fazer divulgação tem me dado ferramentas p'ra tornar realmente a linguística interessante para as outras áreas [com] que normalmente eu não conversaria.

4.2.2. Contexto português

Encetámos alguns contactos no sentido de entrevistarmos também dois investigadores envolvidos em textos de DC previamente encontrados por nós, preferencialmente de diferentes tipos de iniciativas. Todavia, estes empreendimentos dependem sempre da resposta dos interlocutores. Conseguimos, após alguns contactos com iniciativas de várias tipologias, entrevistar um “representante” de duas distintas:

- ✓ Uma linguista, que adiante designaremos por C., interveniente no projeto “Cartas com Ciência”, acima referido – programa de troca de cartas entre cientistas e estudantes nos países de língua oficial portuguesa, a fim de “Criar espaços de diálogo entre cientistas e estudantes nos países de língua portuguesa.” para que “cada estudante valorize o conhecimento e a educação e que sinta que pode ter um lugar em ciência se assim o desejar”.¹⁴
- ✓ Uma linguista, que indicaremos por D., colaboradora semanal do jornal *Diário de Notícias*, no espaço “Opinião” (iniciativa de meios de comunicação social).

Em Portugal, as duas entrevistas que realizámos consubstanciam exemplos contrastantes, como aludimos, inclusivamente do ponto de vista da institucionalização. Num caso, C., a DC ocorre de forma privada, no contexto do projeto “Cartas com Ciência”, ele próprio objeto de investigação e no âmbito do qual os cientistas recebem preparação a fim de empreenderem uma comunicação mais bem-sucedida com os estudantes. Este é incubado pela *Native Scientist*¹⁵, da Fundação Calouste Gulbenkian, para a melhoria do desempenho escolar de crianças filhas de emigrantes portugueses – e inspirado no projeto americano *Letters to a Pre-scientist*. Conta com várias parcerias, como universidades, centros de investigação, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), sendo, assim, interinstitucional. Apesar de o projeto ser alimentado por voluntários, há um compromisso social que se assume e, também, de produção científica a partir do mesmo, o que reforça a sua “institucionalização”.

No caso da entrevista à linguista – D. – que assina regularmente um artigo de opinião no *Diário de Notícias*, trata-se de uma atividade livre, que a professora assume para além das suas obrigações profissionais.

A experiência da linguista e professora C. no projeto “Cartas com ciência” era recente e, à data da entrevista, ainda só escrevera uma carta a um adolescente angolano de 15 anos, cuja resposta ainda não lhe chegara. A todos os cientistas a colaborar no projeto era atribuído algum correspondente; havia um guião orientador de temas a seguir

¹⁴ <https://www.cartascomciencia.org/sobre>.

¹⁵ “Crianças filhas de emigrantes portugueses têm contacto com profissionais ligados à ciência e à investigação nas suas escolas, em língua portuguesa. Promove a melhoria do desempenho escolar de 100 crianças filhas de emigrantes portugueses, através de visitas de cientistas e pós-graduados portugueses às escolas que estas frequentam, interagindo com elas e falando sobre ciência, em português.” In <https://gulbenkian.pt/projects/projeto-escolasnative-scientist/>.

nas várias rondas de correspondência previstas, sugestões, a necessidade de haver alguma carta manuscrita, não obstante outras formas de comunicação, formatos e temas que os cientistas desejassem mobilizar. Salientava-se a importância de desmistificar a ideia de inacessibilidade da ciência e dos cientistas, convidados a falar de *hobbies*, por exemplo, criando elos e procurando despertar o interesse dos jovens para a sua atividade, numa tentativa de ir ao encontro, gerar identificação e interesse, sem, no entanto, produzir cartas muito extensas.

Acerca das motivações para fazer DC na sua área, responde: “Eu acho que faz um bocado parte do nosso percurso enquanto linguistas, não é?” (C.)

No entanto, a entrevistada associa a intervenção em DC a uma área aplicada, de orientação dos estudantes na sua escrita académica. Quando esclarecemos que nos estamos a posicionar não na ação pedagógica, mas de divulgação para leigos, posiciona-se, então, particularmente, sobre a experiência no “Cartas com Ciência”; invoca um voluntariado anterior, associando este tipo de atuação facultativa a uma espécie de “missão”, para “acrescentar alguma coisa mais ao mundo” (C.).

Relata-nos como foi um desafio escrever à mão e como procurou “criar elo”, adaptar-se aos potenciais interesses do adolescente, de quem recebeu uma primeira carta, muito curta, que antecedeu a sua. Incluiu elementos multimodais na sua primeira carta de resposta, como um *smile* e uma foto com os seus alunos, para ser mais “alegre, engraçado”. Adverte, porém – “não me acho a pessoa mais fantástica do mundo a comunicar ciência”. Notamos, portanto, a oscilação de termos como “comunicar”, da parte da entrevistada, e “divulgar ciência”, que tentávamos esclarecer colaborativamente. Nota-se, assim, como este conceito – e ação – de DC ainda não está suficientemente popularizado e parece depender mais das demandas exteriores aos cientistas do que da iniciativa individual dos mesmos.

Um dos exemplos mais bem-sucedidos de DC mencionados pela linguista é o blogue “Certas Palavras”, incluído na nossa lista amostral, que, segundo ela, tem o condão de explicar aspetos da nossa língua ou de outras, associar a temas em voga e, ainda, enquadrando-os em vivências pessoais, transmitindo “entusiasmo”, ingrediente que C. considera fundamental nesta comunicação. E reitera: “nós temos de saber comunicar”.

A este propósito, na entrevista refletiu também sobre como a nossa área de atuação nos leva a ser identificados como aqueles que vão “corrigir a língua”.

No caso da segunda entrevista, a linguista em causa tem já muita experiência de redação de artigos de opinião, crónicas, participação ou condução de programas de rádio, convites para falar na televisão. Faz DC por “uma questão ideológica”; explica-nos: “aquilo que é pago com dinheiro público é público e, portanto, o conhecimento que eu tenho a possibilidade de adquirir, sendo paga para isso, deve ser partilhado com toda a gente”, o que afirma aplicar-se aos produtos científicos da sua atividade como linguista também.

D. empreende a sua atividade de DC por decisão pessoal, embora seja a primeira a questionar se os seus textos constituirão efetivamente DC como procurávamos. Acima de tudo, realça o privilégio de poder escrever a sua opinião sobre factos da atualidade, procurando documentar-se, pois tem muita preocupação em transmitir informação fidedigna. Dá-lhe imenso prazer escrever e, estes textos curtos em particular, ainda mais.

Inclusivamente, o exercício de conformidade à extensão requerida pelo jornal obriga-a a tomar opções de identificação do essencial, de orientação para determinada interpretação, de cuidado para que não se incorra em interpretação errónea, de pautar o texto com algum registo de humor.

“Há uma ligação entre aquilo que eu escrevo e aquilo que eu ensino”, elucidando-nos, porém, que não usa este espaço de opinião para “autopublicidade”, o que considera vergonhoso. O mote é dado por um *fait divers*, “histórias que me irritam”, esclarece D.; procura transmitir informação que considere responder a dúvidas comuns dos leitores e encaminha o texto para um remate que corresponde sempre à sua visão ideológica. Evidentemente que a sua formação linguística perpassa os factos que escolhe comentar bem como as suas visões do mundo, procurando “devolver à sociedade” aquilo que “as pessoas talvez não saibam, mas que as pode ajudar a pensar”, mostrando como a língua afeta as nossas vidas, a política dos países – “não há coisa mais política que a língua”, assevera.

Reconhecendo, por conseguinte, como a língua é de extrema importância e tem implicações imensas nas nossas vidas, motiva-a muito pensar os textos a escrever e o labor de os gerar, comprazendo-se com algumas reações que vai recebendo, vindas de vários países lusófonos, salientando a importância de nos conhecermos mais uns aos outros e de cimentarmos relações coesas, alicerçadas na diversidade, temas que também a movem para sobre eles vir a escrever. Já a perspectiva normativa, que lhe chegou a ser pedida, recusa-se a assumi-la, pois não pretende escrever sobre o que está linguisticamente “correto” e “errado”; esta dicotomia não lhe interessa.

Lamenta que exista “uma espécie de desprezo pela sociedade, uma sobrançeria (...) entre os professores universitários isso é muito evidente”, atitude com que não se identifica, procurando, pelo contrário, uma clareza acessível a qualquer público que saiba ler “e que se interessa com mais questões além da sobrevivência do dia a dia”.

A pouca afirmação de DC nas áreas da língua atribui-a aos próprios linguistas: “acho que a culpa é sempre nossa... (...) temos imensa vergonha de falar em público, e de nos assumirmos em público; (...) não nos levamos a sério, não acreditamos que aquilo que fazemos seja ciência... e a maioria dos linguistas não sabe para que serve aquilo que faz”.

5. Considerações finais

Podemos observar que a DC no Brasil, conforme as iniciativas inventariadas, está em plena expansão e diversificação, ao passo que, em Portugal, está em fase de emergência. Esta forma distinta de se situar no campo da DC justifica um maior índice de iniciativas não institucionais no Brasil relativamente a Portugal.

Com efeito, a não institucionalização permite uma liberdade na escolha temática, nomeadamente visível em textos com menção direta a fatos do cotidiano ou do contexto. No entanto, na cartografia elaborada, coexistem outros textos mais teóricos com explicações de fatos linguísticos, dominante esta em Portugal.

Segundo os nossos entrevistados, os modos de ação da DC desenvolvem saberes e competências relacionados à comunicação não só fora da academia, como também dentro

(para pares e para alunos), o que seria mais uma razão pela qual mais linguistas deveriam empreender este tipo de ação de DC.

De referir, contudo, que autores de DC em Portugal o fazem de modos e em frequências muito distintas do Brasil, como vimos, predominando a comunicação por escrito. Ou seja, do mesmo modo como, contrariamente ao Brasil, não predominam os blogs, vídeos e *podcasts* em Portugal, também as entrevistadas portuguesas não comunicam com o público nestas modalidades, mas sim por i) carta e ii) artigo de opinião em jornal nacional.

Parece emergir, por conseguinte, nas unidades de I&D portuguesas, uma consciência de fazer e comunicar ciência como uma cultura de responsabilidade social, não obstante tal ainda não se traduza numa prolífica produção generalizada (às unidades de I&D) de textos multimodais de DC com os objetivos definidos neste estudo. Exceção feita, como se viu, ao CIDTFF, interveniente em várias plataformas – website, blogue, *newsletter*, YouTube, rubricas periódicas em articulação com meios de comunicação regionais e com alcance, por vezes, nacional.

Retomando as tipologias nas quais organizámos os textos de DC do *corpus* português, podemos referir que constatámos a presença de iniciativas dos centros de investigação, disponíveis para o grande público, mas não elaboradas com este público-alvo em mente, contrastando com o menor número de iniciativas de centros de investigação para o grande público. No entanto, e de forma muitas vezes interinstitucional e da iniciativa de parceiros académicos/educativos e não académicos, surgem programas e projetos que compreendem DC ou nela se focam, com objetivos múltiplos. Encontrámos textos escritos – publicações de blogue, programas de rádio também disponíveis em podcast, vídeos no YouTube, entre outros (*cf.* Tabela 5); porém, não se justifica, no nosso *corpus*, a estatística pois percebeu-se que é um campo a ser descoberto e ainda pouco disseminado.

No Brasil, as muitas iniciativas não institucionais se realizam em diferentes mídias e, tal como vimos, com uma presença substantiva e diversificada. Entendemos que o reconhecimento de fontes de fomento como o CNPq legitima essa possibilidade e contribui para a expansão do fenómeno.

Concluimos, assim, que a DC já é um campo em expansão no Brasil, mas em emergência em Portugal. Parece faltar em Portugal, *grosso modo*, a transposição que, por exemplo, no CIDTFF já se vai operando.

A transposição da disseminação científica para a divulgação ao grande público demanda maior participação de pesquisadores das Ciências da Linguagem e, como vimos no caso do Brasil, a valorização das instituições que financiam a ciência e a criação de espaços institucionais e não institucionais para essa atividade. Para isso, no entanto, nos parece importante que o tempo de trabalho investido nessa tarefa seja fomentado, valorizado e tenha peso na hora de pontuar os currículos académicos dos pesquisadores em processos de concorrências por recursos, vagas ou progressão de carreira.

Nessa medida, encaminhamos perguntas para investigações futuras:

- De que modo o envolvimento das instituições poderá alavancar a DC na área das Ciências da linguagem? (em particular em Portugal - futuro)
- De que modo será possível influenciar o fomento para tornar essa área relevante?

- Quais os promotores do desenvolvimento da DC na Ciências da Linguagem (em particular no Brasil – passado e que pode servir para continuar a promover e servir de exemplo para Portugal)?

Financiamento: Esta pesquisa contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no formato de Bolsa de Produtividade em Pesquisa 1D, para a primeira autora (Vera Lúcia Lopes Cristóvão), Chamada CNPq no. 4/2021, número de Processo: 314398/2021-0.

Agradecimentos: Ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Estadual de Londrina pela licença sabática concedida à primeira autora (Vera Lúcia Lopes Cristóvão), ao Departamento de Educação e Psicologia da Universidade de Aveiro pela parceria no pós-doutoramento da primeira autora e ao Projeto Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-Científicos (LILA) pela rede colaborativa.

Referências

- Alves, M., Hanisch, C., Cordeiro-Oliveira, S., & Gomes, E. (2022). Popularização da Linguística na formação de professores no Acre: Ensino, pesquisa e extensão. *Cadernos De Linguística*, 3(2), e652. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2022.v3.n2.id652>
- Cassidy, A. (2021). Communicating the social sciences and humanities. Challenges and insights for research communication. In M. Bucchi & B. Trench (Eds.), *Routledge Handbook of Public Communication of Science and Technology* (pp. 198–213). Routledge.
- Correia, F., & Soares, A. (Coords.) (2019). *Comunicação de Ciência: Das universidades ao grande público*. Edições Afrontamento.
- Correia, F. (2019). Comunicação de Ciência: Fundamentos e princípios, implicações e perspectivas. In F. Correia & A. Soares (Coords.), *Comunicação de Ciência: Das universidades ao grande público* (pp. 25–69). Edições Afrontamento.
- De Conto, L., Sanchez-Mendes, L., & Rigatti, P. (2022). Quando o falante faz Linguística: Como atividades epilinguísticas e metalinguísticas interessam ao fazer científico. *Cadernos De Linguística*, 3(2), e653. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2022.v3.n2.id653>
- Entradas, M., & Bauer, M. (2016). Mobilisation for public engagement: Benchmarking the practices of research institutes. *Public understanding of science*. <https://doi.org/10.1177/0963662516633834>
- Ferreira, P. (2019). Antelóquio. Comunicação de ciência – das universidades ao grande público. In F. Correia & A. Soares (Coords.), *Comunicação de Ciência: Das universidades ao grande público* (pp. 6–11). Edições Afrontamento.
- Abralin. (2020, 28 de maio). *Popularização da Linguística. Experiências na popularização da Linguística* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/live/OCyndOXL-e4?>
- Grillo, S., Giering, M., & Motta-Roth, D. (2016). Editorial: Perspectivas discursivas da divulgação/popularização da ciência. *Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso*, 11(2), 3–13. <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/27166>
- Grillo, S. (2013). *Divulgação científica: Linguagens, esferas e gêneros*. (Tese de Livre-docência. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo).
- Grillo, S., & Glushkova, M. (2016). A divulgação científica no Brasil e na Rússia: Um ensaio de análise comparativa de discursos. *Bakhtiniana. Revista De Estudos Do Discurso*, 11(2), 69–92. <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/23556>
- Heckarthorn, D. (2011). Comment: Snowball versus Respondent-Driven Sampling. *Sociological Methodology*, 41(1), 355–366. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9531.2011.01244.x>
- Marçal, D., & Folhais, C. (2019). A divulgação da ciência em Portugal. In F. Correia & A. Soares (Coords.), *Comunicação de Ciência: Das universidades ao grande público* (pp. 71–90). Edições Afrontamento.
- Motta-Roth, D. (2011). Letramento científico: Sentidos e valores. *Notas de Pesquisa*, 1, 12–25.
- Targino, M. (2007). Divulgação científica e discurso. *Comunicação & Inovação*, 8(15), 19–28.
- Sampaio, T. (2017). A importância da divulgação científica da Linguística e entrevista com o canal Enchendo Linguística. *Revista Linguística Rio*, 3(1). https://www.linguisticario.letras.ufrj.br/uploads/7/0/5/2/7052840/lr31_entrevista_02.pdf
- Sampaio, T. (2018). Onde estão os Linguistas na divulgação científica brasileira?. *Revista do Edicc*, 5(1), 192–202.
- Villarinho, C., & Forster, R. (2022). 5 passos para (não) produzir vídeos educativos para o YouTube: Uma experiência de divulgação em linguística. *Cadernos De Linguística*, 3(2), e646. <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2022.v3.n2.id646>

Anexo 1

Segue o roteiro completo da entrevista semiestruturada:

- 1 – O que o/a levou a fazer DC na Linguística/ nas Ciências da Linguagem?
- 2 – Qual é o estatuto dessa atividade? Projeto, disciplina, hobby?
- 3 – Descreva o contexto no qual produz seus textos de DC: emissor, público-alvo, objetivo, lugar, suporte, etc.
- 4 – Quais critérios usa para decidir os temas para DC?
- 5 – Quais elementos são fundamentais na constituição de suas produções de textos (multimodais) de DC? Quais papéis esses elementos têm para contribuir para a DC? Por exemplo, uso de imagens que assumem o papel de representar o tema abordado.
- 6 – Quando escrevemos, estamos imaginando como os leitores vão ler o texto, se vão compreender, se vão se entediar, etc. Quando você está se preparando para falar ou escrever um texto para o público mais amplo de temas da linguística, como é esse processo de imaginar como o seu texto ou sua fala vai ser compreendida? Como é escrever o seu texto – para ser lido ou ouvido? Faz muitas modificações? Sente dificuldade? A que prioridades tenta atender? Que critérios o orientam na tomada de decisões do que/como falar/escrever?
- 7 – O que faz com que uma comunicação sobre linguística/estudos da linguagem para um público amplo seja bem-sucedida?
- 8 – O que a gente mais faz na academia é se comunicar com os pares em congressos, publicando textos, etc. Por que poucos linguistas comunicam com um público mais amplo?
- 9 – Você acompanha canais ou outras mídias de divulgação científica (*podcasts, blogs* etc.)? Quais? Você se inspira em algum deles?
- 10 – Para você, qual a importância do canal para a área da Linguística? E para a sua vida acadêmica?

[recebido em 01 de outubro de 2022 e aceite para publicação em 02 de fevereiro de 2023]